

DOI <http://dx.doi.org/10.18226/19844921.v13.n31.14>

Mussurumim: para não esquecer

Mussurumim: not to forget

Juracy Assmann Saraiva*

O tempo consome, com sua voragem, os acontecimentos da vida humana e envolve-os na névoa do esquecimento, ainda que deles permaneçam rastros no presente. Para ativar a memória, sempre ameaçada de amnésia, os indivíduos recorrem à História ou à ficção: enquanto aquela recompõe pessoas, fatos, datas interligando-os por meio de relações causais e por uma suposta objetividade, a ficção recorre à História conferindo à narrativa uma visão subjetiva em que pessoas são figurativizadas em personagens e em que os fatos ganham a dimensão de experiências vividas. Impregnados de sensações e de sentimentos, os fatos são redesenhados sob nova luz e impelem os leitores a rever a História, a melhor compreendê-la e a situar-se, a partir dela, diante de seu contexto.

Mussurumim, romance de Gilberto Abrão,¹ recentemente publicado, integra fatos relativos à escravidão no Brasil à vida de personagens marcantes, cuja história organiza o entrecruzamento entre realidade e ficção. A narrativa registra a saga de descendentes de Ahmadou Traoré, um nobre muçulmano do vilarejo Mayahi, situado na África Ocidental,

* Universidade Feevale.

¹ Gilberto Abrão é filho de descendentes sírios e nasceu em Curitiba; aos 10 anos foi viver no Líbano para aprender a língua árabe e a religião muçulmana. Suas experiências de vida fazem parte do cadinho em que mistura realidade e ficção, tendo publicado *Mohamed, o Latoeiro* (2009, Primavera Editorial); *O muçulmano e a judia* (2011, Editora Nacional); *O escriba de Granada* (2014, Editora Nacional); *O amuleto de Leila* (2017, Chiado Editora, Portugal).

que são aprisionados pelos tuaregues e levados a Cacheu, hoje uma cidade da Guiné-Bissau, e de lá trazidos, no bergantim “Caridade”, para a Bahia.

A história inicia, no início do século XIX, com a apresentação de Ahmadou Traoré, chefe da nação dos hauçás, um hajji, que se orgulhava de sua família, constituída pela esposa, pela filha Bahija, pelo filho Mussa, pela nora Nabila e por um neto. A linda Bahija preparava-se para casar e, estimulada pelo pai, estudava árabe e o Alcorão e caracterizava-se por seu senso crítico e pela coragem. Todavia, a família é destroçada quando tuaregues invadem a aldeia, assassinam Ahmadou Traoré, sua esposa e Yussufu, futuro marido de Bahija, levando os demais membros da família como prisioneiros. A primeira parte da longa e penosa viagem chega ao fim em Cacheu, onde os prisioneiros são vendidos, ficando à espera da embarcação que os levaria para o Brasil. Enquanto aguardam, Nabila dá à luz uma menina a que dão o nome Hourria, isto é, Liberdade. Nova negociação é feita com a chegada do bergantim “Caridade”, e os prisioneiros, enfileirados e amarrados uns aos outros, são conduzidos à embarcação. Depois de quarenta e oito dias de viagem, em que os navegantes enfrentam uma tempestade, durante a qual morre a menina Hourria, chegam a Salvador, na Bahia. Os descendentes de Ahmadou Traoré são novamente tratados como mercadoria e postos à venda, ganhando diferentes destinos: Mussa, que passa a ser chamado de Moisés, vai trabalhar em um engenho, no Recôncavo baiano; Nabila e o filho Ahmadou são adquiridos por um funcionário público; Bahija é comprada em um leilão por um Barão, para servir de ama à mulher dele, D. Cármen, e recebe o nome de Esmeralda.²

² A troca do nome dos escravizados é signo da anulação de sua identidade que lhes é impingida pelas normas escravagistas. Nesta resenha, considerando a duplicidade dos nomes, adota-se aquele que se concilia com as circunstâncias dos episódios relatados.

A saudade e as lembranças da vida pregressa fazem-se presentes no dia a dia das personagens e, em meio ao sofrimento, afirmam suas qualidades pessoais. Mussa ou Moisés ganha a confiança de seu senhor e passa a exercer a função de feitor, tratando com respeito a seus subordinados, escravos como ele; Nabila cansa-se com o excesso de trabalho, mas vê com alegria a integração de Ahmadou, cujo nome passa a ser Amado, com os meninos da família, cujos estudos acompanha; Bahija ou Esmeralda aprende a ler com outra escrava e, graças a isso, compartilha do segredo de D. Cármen, lendo e respondendo às cartas do amante dessa, circunstância de que ela se vale para conseguir privilégios, como o de circular brevemente pela área central da cidade, onde conhece um alfaiate alforriado também da etnia hauçá, chamado Ousmane. Nabila, por ser encarregada das compras no mercado, conhece Bubáquer, dono de uma banca de peixes, a quem conta sua história. Tanto Ousmane quanto Bubáquer frequentam os ritos muçulmanos, realizados nas sextas-feiras, no porão de uma casa cedida por um negociante inglês, aos quais Mussa também comparece. Nesse local, ele encontra casualmente Bubáquer e relata-lhe como fora escravizado. Esse depreende ser Mussa o marido de Nabila e promove o reencontro do casal. O elo entre os familiares é recomposto e também Bahija vive a alegria de reencontrar o irmão, a cunhada e o sobrinho. Mas o vínculo entre os familiares de Ahmadou Traoré é rompido com o assassinato, por soldados do Exército, de Mussa, que aderira à revolta dos Malês, na cidade de Salvador, em 1838.

Bahija corresponde à paixão pelo seu senhor, o Barão Afonso, e, quando engravida, recebe sua carta de alforria e também uma casa onde passa a viver. O filho nasce alguns meses após a revolta da Sabinada e recebe o nome de Pedro. Três anos depois, D. Cármen toma conhecimento, por meio de uma amiga, de que sua ex-escrava, agora conhecida como Esmeralda, gerara um filho de seu marido e,

movida pelo ódio, agride-o com uma faca. O Barão reage violentamente e fere a mulher que procura o amante, Rodrigo, para com ele viver. Alguns dias após, Rodrigo vai à casa do Barão e o mata, em represália aos ferimentos que impingira à amante.

“A Terra gira em torno de si e em torno do sol e, por isso, o tempo passa” (ABRÃO, 2021, p. 227). O enunciado do narrador remete não só ao tempo pretérito, mas também aos episódios transcorridos e à adoção, pelos protagonistas, dos nomes portugueses que lhes haviam sido dados: Nabila casara-se com Bubáquer e seus filhos Amado e Dala, gerados com Moisés, bem como os filhos Francisco e Fernando, já lhe haviam dado netos; Esmeralda casara-se com Ousmane, que adotara o nome de Luís, e com ele tivera os filhos José, Moisés e Catarina. O primeiro morre na Guerra do Paraguai, o segundo torna-se guarda-livros e Catarina viria a ser professora. O filho mais velho, Pedro Manuel, fruto de seu relacionamento com o Barão, morava em Recife, onde era um reconhecido advogado. A protagonista, agindo como Bahija, recuperara sua honra, pois, com a ajuda de seu ex-escravo, Valente, levava à morte um soldado, um tenente e um sargento, vingando-se da morte de Mussa, seu irmão; com o assassinato de Rodrigo, ela vinga a morte de Afonso, pai de seu filho.

A vinda do muçulmano Abdul Rahma ao Rio de Janeiro, onde ensinava a religião do Islã, motivou a ida de Esmeralda, do filho Moisés e de Bubáquer à capital do país para conhecerem o *Muallim*, em outras palavras, o professor. Moisés uniu-se a Abdul Rahma com o objetivo de ensinar o Islamismo e, depois de viajar durante três anos, radicou-se no Rio de Janeiro, casando-se com uma moça chamada Jandira. Esmeralda e a filha Catarina também foram morar nessa cidade, onde a protagonista manteve seu trabalho de costureira e a filha passou a lecionar em um colégio de freiras, vindo a casar-se com um músico,

Jacinto. No Rio, encerra-se o ciclo da vida de Bahija Keita Traoré, que morreu rodeada pelos filhos e netos e que se tornou uma lenda.

A sequência dos episódios de *Mussurumim* torna-se atraente pelo processo da narração em que o narrador, ausente da história, mas dotado de onisciência, delega às personagens o poder da evocação. Dessa forma, o tempo anima o ato de narrar, e as lembranças, articuladas a nomes de lugares, de pessoas, de datas, conferem à história imaginada a persuasão do verossímil. Paralelamente, as lembranças cedem espaço à representação dos próprios episódios que, enriquecidos pelos detalhes que compõem cenas, seduzem o leitor e levam-no a tomar parte das passagens líricas, expressas nas canções entoadas pelos escravos, a revoltar-se com os atos de barbárie e de violência e a olhar para o Islamismo com renovada compreensão.

Enfim, o romance de Gilberto Abrão nutre-se de dados factuais para compor uma narração em que a reconstituição da realidade se funde com o poder da imaginação. O esfacelamento das fronteiras entre o âmbito do real e o da ficção soma-se a uma sequencialidade nem sempre cronológica, ainda que sustentada na biografia das personagens e em uma gama de informações veladas, que trazem vínculos com a História do Brasil. Portanto, a narrativa deve ser preenchida pelo leitor, que se defronta não apenas com a saga dos descendentes de Ahmadou Traoré, mas, em se tratando de receptores brasileiros, com a saga de seu próprio país, marcada por sofrimento e superação, por exclusão e integração, por miséria e riqueza. Essa saga mostra a diversidade racial, étnica, religiosa e social do povo brasileiro, cujas origens, conforme expressa *Mussurumim*, não devem ser esquecidas.

Referência

ABRÃO, Gilberto. *Mussurumim*. Novo Hamburgo: Ed. do Autor. 2021.

Recebido em: 14/07/2021

Aprovado em: 28/09/2021